O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º — Sábado, 23 de Agosto de 1941 — N.º 1695

VISADO PELA CENSURA

Portugal e a Guerra

A guerra continua acêsa e grave e longe do seu fim. Aos famosos encontros de Hitler e Mussolini, sucedeu-se o de Churchill e Roosevelt, de não menos repercussão mundial.

Tudo isto nos demonstra que estamos ainda afastados da paz e que a guerra, como pingo de azeite que cai em pano lavado, desenvolve-se, alastra, arrasta-se por novos caminhos.

A guerra deixou de ser europeia para se apresentar com o carácter de mundial, visto que a Asia e a Africa estão, mais ou menos, envoltas nela. E os acontecimentos encaminham-se de molde a não ficar por aqui.

Por êste rápido exame não é demasiado proclamar, como dezenas de vezes tem sido feito, que a humanidade se encontra em face de um dos maiores conflitos da história, cujo alastramento ha-de fatalmente atrazar e complicar o seu epílogo.

Ou os fortes e portentosos contendores acabam por caír em marasmo, desfeitos e esgotados, ou, então, é difícil prevêr o seu fim, e é aceitavel e crível a tese de que temos guerra para uma geração.

A guerra curta e como conseqüência a vitória rápida, desapareceu. Temos agora a guerra longa, com todas as suas incertezas e paradoxos, vitórias e derrotas, altos e baixos.

A guerra que se trava é, nitidamente, uma formidanda luta de interesses económicos. São dois temíveis imperialismos, com um espantoso poder económico e técnico, que se degladiam brutalmente.

Não se trata, em verdade, de uma guerra movida por ideologia ou por quaisquer princípios morais. O interesse supera tudo. O interesse, nesta luta, é vital. E' o choque feroz entre duas economias poderosas, entre duas concepções económicas. E', caracterizadamente, uma guerra económica e capitalista, isto é, uma guerra empreendida pelo mundo capitalista, que não pode viver senão em estado de guerra intermitente.

Se, paralelamente, ou na síntese dos interesses económicos em jôgo, entram as ideias e as considerações morais, elas estão claramente em segundo plano ou em planos secundários. Os factos falam e gritam alto.

A Alemanha aliou-se com a Russia. A Inglaterra aperta as mãos à Russia. E por aqui fóra. O que é que isto demonstra? Nem coerência doutrinal, nem coerência moral. Nem ideias, nem moral, sejamos peremptórios e claros. Interesses apenas.

Diferente, bem diferente, é a posição portuguesa. Rigorosamente neutral. Neutralidade digna, honesta e consciênciosa. Os interesses em litígio não são os interesses portugueses. Neutralidade que está em concordância com a nossa doutrina nacionalista e cristã; com a nossa moral, que preza a lei, o direito, os princípios jurídicos e os compromissos assumidos; e com os nossos interesses materiais, que são condicionados pela nossa originalíssima posição geográfica, atlântica e histórica.

A situação da guerra e a situação de Portugal apresentam-se-nos desta maneira. E' inútil, é erroneo e é anti-nacional quebrar lanças por êstes ou por aqueles.

A'parte as razões apontadas, que são verdadeiras e eloquentes, há uma bem inteligente, bem consciente e bem edificante: é a de que os acontecimentos se hão-de decidir independentemente da nossa vontade, das nossas simpatias e das nossas preferências. Os acontecimentos são de tal monta e de tal volume, que as nossas inclinações por uns ou por outros, são bem *a gota de água no oceano.*

J. Carreira

Um painel

No *stand* da Fábrica Aleluia, ao centro da Avenida Dr Lourenço Peixinho, acha-se em exposição um painel de grandes dimensões com a legenda—*Fugida para o Egipto*—que além de honrar o estabelecimento, dignifica o artista que o pintou.

Admirável! Soberbo! Extraordinàriamente belo!

Ou isto ou alguns *frêscos* do nosso conhecimento, sem ser do Brasil, que deixaram o juízo a arder de quem os idealisou e executou.

Capitão Firmino da Silva

Êste ilustre oficial do Exército teve a amabilidade de vir, pessoalmente, à redacção do *Democrata* agradecer as palavras de justiça publicadas a quando da sua nomeação para comandante da P. S. P., gentileza, essa, que muito nos penhorou. E' que o sr. capitão Firmino da Silva coisa alguma tinha de nos agradecer, sendo, por isso, a sua visita mais uma demonstração das excelentes qualidades que possue.

Pelo menos assim o consideramos.

O BACALHAU

Não foi só cá que o seu preço subiu a elevada altura. Em Angola também aconteceu o mesmo, tendo-se, porém, tomado a resolução de o substituír por corvina sêca, visto ficar mais barata.

Corvina! Mas que riqueza de arroz ela faz e que bom prato quando aparece na mesa cozida—com batatas!

Á Câmara

Diz-nos, em postal, um assinante, que o que se fez na Rua D. Jorge de Lencastre já se devia ter feito, há muito, na Avenida Araújo e Silva, por esta possuir excelentes condições de vir a ser uma grande artéria e de extraordinário movimento.

Concordando plenamente, entendemos que o município tem obrigação de a concluir, assim como outros melhoramentos há muito principiados.

E não vai sem tempo.

O novo Mercado

Vão bastante adiantadas as obras da sua construção, sendo de presumir que antes do fim do ano fique pronto.

Deve fazer inveja a muitas terras.

Glórias do Estado Novo

Se não vivemos egoìstamente só para os nossos interêsses particulares, mas, sendo portugueses, vivemos também como nosso, de todos e cada um, o que é nacional—terão sido para nós estas últimas semanas, umas das maiores e mais belas da nossa história contemporânea, ou seja do nosso ressurgimento colectivo. A triunfal viagem do Chefe do Estado aos Açores, com a qual, sôbre se demonstrar definitivamente o portuguesismo do povo açoreano, se provou uma vez mais a indestrutível unidade do nosso Império; o testemunho eloqüentíssimo da sincera amizade que nos vota o Brasil, patenteada recentemente no solícito carinho com que a Embaixada Portuguesa e António Ferro ali foram recebidos pelo Presidente da República, pelo Govêrno, pela fina flôr da intelectualidade e pelo povo; o eco dêstes factos no Mundo, que a êles se referiu com admiração, e como que invejando a felicidade do nosso país, verdadeira *luz na tormenta*, pela sua Ordem construtiva e seu entranhado amor à Justiça e à Paz:—tudo isto, que se passou nestas semanas próximas, são glórias do Estado Novo; e, sendo glórias do Estado Novo, são glórias de Portugal; e, sendo glórias de Portugal, se não vivemos só para o nosso interêsse de indivíduos, são também glórias nossas, de todos e cada um de nós.

Vivamos, pois, estas glórias em nossa alma, enchendo com elas a alma de vibração que não afrouxe um só instante, conservando-a na serenidade, e no equilíbrio, e na nobreza de que nos dá exemplo o nosso Govêrno perante a guerra; tornando a confiante, de vez, nos destinos da Pátria e da Revolução Nacional.

O chafariz do Espirito Santo
não deita água

Os moradores do largo ali de cima e proximidades, encontram-se deveras aborrecidos, devido ao chafariz, que abastecia uma grande área, não deitar água — nem gôta do precioso líquido.

As causas, segundo temos ouvido, não devem ser só devidas às estiagem; talvez tenham origem em qualquer desvio ou rotura na canalisação.

Pedem-se providências.

Praias de Portugal

Afinal, as justas medidas repressivas de certos abusos com os *maillots* nas praias do país, não lhes tirou a concorrência, neste verão de 1941. Pelo contrário—a-pesar-de ter diminuído sensívelmente o número dos refugiados que enchiam os hoteis do litoral, êste ano não há lugares disponiveis nos hoteis, pensões e pousasadas, das praias portuguesas. Eis um bom sintoma a registar.

Julgavam as pessoas mais... pseudo-civilizadas, que as limitações no corte dos fatos de banho fariam diminuír a freqüência nas praias. Puro engano. Os pais de família sabem que podem levar suas filhas para onde já não correm perigo a sua integridade moral e—vá lá—o seu bom gôsto estético... E' que, a falar verdade, não era só a moral que se ofendia com o espectáculo de certos nudismos impertinentes... Mas o próprio bom-gôsto que protestava.

Pois regorgitam as praias de Portugal!

Ainda bem.

A falta de géneros

Merece ser lida e ponderada a seguinte nota:

«O Govêrno com a cooperação dos organismos corporativos e de coordenação económica, tem providenciado no sentido de evitar que, a-pesar-da grande crise internacional, não falte nenhum dos géneros indispensáveis para o consumo; e êsse resultado tem sido obtido. Mas é indispensável que as providências tomadas sejam compreendidas e auxiliadas por todos. Se uma parte da população, movida por incompreensível pânico ou por sentimentos egoístas, procura adquirir géneros em quantidade superior às suas necessidades normais, esquecendo as necessidades dos outros e, sobretudo, das classes pobres, opera-se um desequilíbrio que pode originar dificuldades.

Aconselha-se, portanto, não só uma perfeita calma e serenidade, mas confiança nas entidades a quem a matéria dos abastecimentos está confiada.

Procedendo cada um em harmonia com os interesses de todos, a crise, entre nós, será, como tem sido, atenuada na medida do possível, continuando nós a manter, em matéria de abastecimentos, a situação privilegiada de que temos gozado.

Apela-se, pois, para o bom senso da população, para que ninguem contribua, por uma atitude condenável, para o agravamento da crise, ou para forçar as autoridades a medidas que, por muitos motivos, convem evitar.»

IMPRENSA

A Aurora do Lima

Publicou um número de 16 páginas por ocasião das festas da Agonia o nosso presado colega de Viana do Castelo. Nos tempos que decorrem representa, o facto, um grande esfôrço, mas Bernardo Silva pode-se gabar da sua obra cuja finalidade muito o dignifica aos olhos de quantos, como êle, se interessam pelo engrandecimento da linda cidade.

ELES AÍ VEEM!

Partiram da Groëlândia os primeiros lugres carregados de bacalhau, entre os quais os *Alcion, Aviz, Brites, Maria da Glória, Rainha Santa Izabel, Ilhavense* e *Santa Mafalda*, da nossa praça.

Oxalá sejam felizes na viagem.

A GAZOLINA

Dizem que falta, mas não é verdade. Há muita gazolina. O que se torna necessário é evitar que a açambarquem.

Sentinela, àlerta!...

HENRY FORD

Tôda a gente ouviu falar dêste americano verdadeiramente extraordinário, realizador de uma formidável obra de progresso industrial, social e humano. E' um velho tìpicamente americano, entranhamente individualista, de um absolutismo católico irredutível, de reacções pessoais singularíssimas.

Não é o que se chama um amigo da intervenção. Isso não o impediu, porém, de reconhecer a grandeza do esfôrço inglês e a piedade que merecem essas corajosas vítimas da guerra, que, como os soldados da Velha Guarda de Napoleão, morrem, mas não se rendem.

Pois o velho Ford dos automóveis teve um gesto cristão e pôs à disposição do povo inglês trezentas camionetes destinadas a distribuír alimentos aos que, devido aos bombardeamentos, ficaram, nas Ilhas Britanicas, defendidas pelo mar e isoladas pelo mar, sem casa e sem pão.

Não é lá muito para êsse homem que fala inglês e lê pelo Evangelho, e é arquimilionário, mas é sintomático como a alvorada o é do sol que vai nascer.

A. M.

Montes de sal

A sua exigùidade não dá, êste ano, à ria, o aspecto que costumava apresentar nesta época.

Efeitos do tempo não correr propício, como temos dito, aos trabalhos da produção.

O prestígio de Portugal

No regresso da sua triunfal viagem aos Açores, o Chefe do Estado foi alvo das homenagens de barcos de guerra inglêses, do cruzador auxiliar francês *Pasteur*, encorporado nas fôrças do general De Gaule, e dois bombardeiros alemãis.

As unidades de guerra britânicas prestaram as honras da praxe ao sr. General Carmona, atroando os ares com uma salva de vinte e um tiros, num estridor que poderia chamar a atenção de aviões inimigos.

De um dos bombardeiros alemãis foi lançada sôbre o *Dão* uma mensagem em que o Presidente da República é saüdado em têrmos do mais alto aprêço.

No cruzamento destas homenagens, que parece transcenderem o significado das honras protocolares, está, sem dúvida, o preito a Portugal, na figura veneranda do seu primeiro magistrado, pela forma nobilíssima como o nosso país tem sabido atravessar as vicissitudes da guerra, permanecendo estritamente neutral, fiel às suas amizades e fiel a si próprio.

Refúgios do espirito

Romance de uma fraga

pelo Dr. Alberto Souto

Foi no Vale dos Castigos, numa das mais ásperas serranias da Cordilheira da Vida...

Altaneira e ousada, de bruços sôbre o abismo e a torrente que cachoava no apêrto e no degrau do covão, vi a fraga que dormia o pesado sono das pedras, que é o sono que mais se assemelha ao sono da morte.

Era uma fraga de granito, mosqueada de chisto negro e venada de quartzo, perdida no deserto pedregoso e na paìsagem feia, bastante abaixo do acume da montanha.

Nas fendas abertas pela disjunção da rocha, uma urze pertinaz lançara suas raizes e uma giesta, que ali se instalara, lequeava a cabeleira quando o vento tentava esguedelha-la.

A fraga era grande e saliente, formada de blocos paralelipipédicos, levemente arredondados como se tejolões giganteos ou queijos ciclopicos se sobrepuzessem num forte e sombrio castelejo.

Sardaniscas nervosas e desinquietas rostilhavam em redor e esverdinhavam ao sol.

Os lichens e a patina mal disfarçavam as rugas da chuva e da neve.

Pesada de semblante, esfingica e imovel, a tudo indiferente, como mumia milenária, a fraga dormia.

A-pesar, porém, do sobrecenho do seu aspecto e do selvatico da sua mole, tinha ela, quando vista de longe, algo de harmonico e equilibrado no sinistro e agressivo da penedia, e a sua silhueta, projectada sobre o horisonte encinzeirado pela neblina, parecia uma piramide truncada dos aditos dos templos egipcios ou lembrava um monumento erguido a algum gigante que tivesse sido chefe ou heroi de um povo de semideuses.

Não podia deixar de ter a sua lenda êste fragão, ao mesmo tempo brutal e pitoresco, porque o povo, em todos os tempos e em todos os lugares da terra, confiou sempre à impressionante massa das pedras mais curiosas dos seus montes, a guarda de imaginárias beldades que ali julga prêsas de eterno encantamento.

Naquela pedra colossal, espantosa de volume e de equilibrio, alcandorados sobre o leito da torrente, viveria uma moira, segundo a tradição.

Quando, porém, um dia, eu fui à romagem das serras e contemplei aqueles penedos e me acolhi ao seu abrigo, como sempre, a fraga dormia—na mesma quietude em que adormecera na enovoada distância de muitos milhares de seculos.

* * *

Lembrei-me do encanto das moiras e do sono das fadas e quiz, brincando às lendas, acordá-las, e bati a pedra com o meu cajado de romeiro, desafiando os seres ocultos e lendários. Com espanto ouvi uma voz estranha que saía do íntimo da rocha e me falava. Certifiquei-me de que não havia embuste. Era a voz da pedra! E fiquei sabendo que as pedras também têm a sua voz.

E a pedra disse-me:

—«a moira dos encantamentos, meu romeiro, é uma ilusão do povo ingénuo, sempre propenso a crêr nos absurdos e a não acreditar no que vê.

Passa por mim tanta gente e ninguém compreende o meu ser, nem suspeita do meu penegar, nem se condoi do meu ignorado tormento. Pois vou agora revelar-te o meu segredo. Eu sou uma petrificação da ruindade dos homens. Sou o corpo da crueza. Sou o castigo das almas impiedosas e dos corações sem amor.

Cada pedra que tu por aí vês, é uma alma má ou um mau instinto paralisados na imobilidade de um averno. Sou o espelho eterno dos que nunca fizeram bem.

Aquele calhau ingente que se lobriga lá em cima, mais alto ainda do que eu, conturbado e negro, é feito do ódio que esvurma das almas rancorosas.

A outra penha, angulosa e rude, que negreja na lomba alpestre e brava, e tão antipática de contornos que semelha um saurio asqueroso, de grandes escamas eriçadas, mordendo os próprios fígados, é a inveja destilada por muitos peitos que deram acolhida ao veneno do despeito.

O amontoado cahotico que lá no alto sobreleva a cordilheira e que parece uma torre de menagem rodeada de blocos caídos, é a desmesurada cubiça dos grandes ambiciosos.

A penedia desmantelada e solta que a cerca, são as ansias malfazejas e as maquinações solertes e indignas que perturbam a paz da terra e roubam a vida, o alimento, o confôrto, o afago e o amor aos seres bons da criação!.»

Cheio de espanto por esta revelação singular e por vêr assim quebrado perante mim o encanto da mágica fraga, mas duvidoso e descrente, preguntei:

—Será verdade?...

E o meu cepticismo observou:

—«Nos campos de batalha e nas saudosas acropoles, tenho-me eu suposto guiado pelas sombras e, na sua solidão, travei já profundos coloquios com a memória dos mortos heróicos, ao pisar a terra que êles regaram com o seu sangue.

Mas isso não passa de uma invenção e de uma fantasia minhas, bem conformes, aliás, com a humana e velha mania poetica e simbolista de personificarmos e vivificarmos pensamentos que são de si incorporeos.

Aqui, também, rochedo taciturno, eu julgo sentir apenas o delírio de uma imaginação excitada momentaneamente pela fadiga da escalada, pela grandeza arrobante da montanha e pelo bater apressado das artérias, devido à altitude.»

A fraga, então, abriu-me o seu seio e disse-me:

—«entra no meu coração de penhasco bruto, mas penetra nas moléculas do meu ser. E ausculta e observa bem, que o amago das coisas é bem diferente da forma externa e

Cartas a uma amiga de longe

Agosto, 1941

Minha querida:

Chegou o verão! Chegou o verão! E as cidades, a êste grito da natureza, tornam-se desertas, envoltas numa poeira branca e calcinada, que as torna idênticas a cantos perdidos do Jardim de Alá. Falta-lhes a poesia do abandono e do esquecimento—desertas, sim, mas sem oásis.

Entretanto, nas praias, à brisa frêsca do mar e à luz doirada do sol, os banhistas, fugidos ao calor, esquecem preocupações e enterram na areia fôfa da beira-mar, convidativa a devaneios, os flagelos e os dramas da humanidade.

Pobre de mim! Abro os periódicos, folheio-os na ânsia de encontrar qualquer nova que te possa contar e que seja diferente do rame-rame diário, duma monotonia inexorável. Férias, férias e repouso...

No dia catorze mais um ano passou sôbre a data da histórica batalha de Aljubarrota. No Mosteiro de Santa Maria da Victória, comemoraram solenemente êsse combate, decisivo para a consolidação da nacionalidade.

Falam também os jornais na partida da embaixada especial, que, em terras brasileiras, tão festejada e acarinhada foi.

E, afóra a *Volta em bicicleta*, são estas as notícias da semana, no nosso país!

Da guerra, as novas são sempre as mesmas. Há dias, Churchill e Roosevelt conferenciaram a bordo do *Príncipe de Gales*. O que virá dessa entrevista e o que será essa famosa *Cartilha da Liberdade*?

E estas notícias da semana, parecem guardar qualquer coisa da vida—o frívolo e o drama, o histórico e a farsa.

Um abraço da

Zèmi

Capitão Toscano

Só agora soubemos que foi, há dias, vítima dum grave desastre na Escola Prática de Cavalaria, em Torres Novas, por ter caído da montada, o sr. capitão-picador José Ramos Toscano, que, por tal motivo, se encontra em tratamento no Hospital da Estrela, de Lisboa, aonde fôra imediatamente conduzido.

Lamentando o acontecimento, fazemos sinceros votos pelas melhoras do simpático oficial da guarnição desta cidade.

O progresso das fábricas ALBA

e o engrandecimento de Albergaria-a-Velha

Lá se procedeu, no sábado, à inauguração do Parque de Recreio e Desporto das Fábricas Metalúrgicas da importante vila do nosso distrito, tendo assistido, como dissemos, o sr. Governador Civil, que cortou a simbólica fita, à entrada, indo de Aveiro acompanhado de várias entidades oficiais—coronel Gaspar Ferreira, comandante de Infantaria 10; dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara; dr. Alberto Souto, director do Museu; eng. Almeida Graça, director das Estradas; dr. Eduardo Souto, eng. Sampaio e Melo, etc., etc.

O recinto é amplo, acha-se bem situado, junto à estrada nacional, e dentro não lhe falta nada porque além do campo de *foot-ball*, um *court* de *tennis*, *dancings*, possui balneário, *bufets*, pavilhões de chá e refrêscos, adega e restaurante, retretes, enfim tudo que dêle é próprio e se torna indispensável. Uma legenda, bem visível, diz dos intuitos da sua aplicação—*Alegria pelo trabalho!*

Todas as dependências são visitadas, seguindo-se, no pavilhão principal, um *copo de água*, servido com *Barrocão*. Aqui falam, então, os srs. dr. António de Pinho, dr. Hernani Miranda, Viriato Vidal, Raúl Ribeiro e dr. José de Azevedo que põem em destaque as qualidades de trabalho, a inteligência, o critério e a bondade de quem é a alma daquilo que, para Albergaria, representa um grandioso melhoramento—o sr. Augusto Martins Pereira, proprietário e dirigente do famoso estabelecimento fabril, hoje conhecido e acreditado em todo o país.

Palavras encomiásticas, palavras de justiça, palavras de gratidão, que a assistência sublinhou com palmas, nutridas palmas, às vezes, para vincar melhor o seu aplauso ao homem arrojado, de iniciativa e de coração, que tanto tem contribuído para o desenvolvimento da sua indústria no distrito de Aveiro. Merecidas foram, pois, essas referências de homenagem ao sr. Augusto Martins Pereira.

Estamos a atravessar uma época de egoísmo sórdido, feroz, que atinge, quási, a crueldade. Os capitais andam retraídos. Há gente de dinheiro que faz figuras tristíssimas, ridículas, ultra vergonhosas. Ainda há pouco vimos um sujeito, riquissimo, de gatas por cima do telhado dum prédio seu, que ia vigiar o trabalho dos operários que lho andavam a compor! Em riscos de caír e de se esborrachar, como um sapo, de encontro ao solo. O sr. Augusto Martins Pereira, porém, trilha outro caminho.

Reparte com a gente da fábrica os proventos que dela aufere, transformando-os em interessantes regalias de reconhecido alcance social. Assim é que está certo.

A inauguração do Parque de Recreio e Desporto das Fábricas Metalúrgicas Alba, que no sábado e domingo deu lugar a variadíssimos festejos congratulatórios pelo que representa de utilidade e altruísmo, merece mais que o relato e uma menção honrosa da imprensa: merece que os poderes públicos considerem o sr. Augusto Martins Pereira de forma a galardoa-lo não só como industrial, mas também como um verdadeiro amigo de quantos trabalham sob a sua direcção—algumas centenas de operários com responsabilidade de família e que na Alba têm garantido o pão de cada dia.

Sardinhas em lata

Notícias recebidas de Setúbal dizem que as encomendas de sardinhas para Inglaterra estão dando os seus frutos: a lota industrial promoveu vendas no montante de 1.769 contos.

No dia 14 de Agosto vieram à lota 85 barcos com peixe que foi vendido por 518 contos.

(*Britanova*)

Novas carruagens

Pela C. P. foram, no sábado, postas a circular nos combóios correios entre Lisboa e Porto e vice-versa, as novas carruagens das três classes de tipo americano, as quais muito contribuem para a comodidade do público.

Só resta que a educação duma certa ordem de passageiros da 3.ª classe se apure de modo a evitar a deterioração dos excelentes compartimentos ou que os emporcalhem, tornando-os imundas.

Liceu de José Estêvão

Foi prorrogado até 30 de Setembro o praso para requerer a isenção de propinas neste estabelecimento de ensino.

E quem desejar fazer exames em Outubro deve apresentar os respectivos documentos de 1 a 10 do próximo mês.

Um divórcio

Dizem de Chicago que a esposa de Joë Louis, campeão de pesos-pesados, se vai separar dele judicialmente, alegando que o famoso pugilista empregava no lar a mesma tática do *ring* ao pôr os adversários a *K. O.*

Aquilo não devia ser por mal. Talvez, mais, fôrça do hábito...

* * *

Depois de composta esta local, um novo telegrama notícia a reconciliação dos dois esposos, tendo Joë Louis saído do Tribunal com a mulher ao colo.

Se calhar, o motivo era outro...

Don Juanzinhos

Muito interessantes os jóvens de agora quando lhes dá para a conquista. Que frivolidade! Quer no tratamento, quer nas maneiras, quer nos olhares, quer em tudo. E' um pratinho vê-los, admirá-los no *dolce-far-niente* das suas lucubrações...

São *bestiais!*

Além doutras coisas mais, que não dizemos com receio de algum pintor de frescos os aproveitar para modêlos.

da aparência sensível. Os olhos não vêm as almas e nenhum dos teus sentidos pode dar conta da essência da matéria, quanto mais dos segredos atómicos e animicos das coisas que, como eu, são aparentemente mortas e inertes. Aquilo que sou e te revelo, não representa um sortilegio, mas constitui um fenómeno. Cada ser tem de suportar no Universo o seu destino e de sofrer no mundo a sua paixão. E isto é natural, porque é uma lei do mundo.»

Vi então na fraga todo um espantoso aparelho de circulação sanguinea, globulos cerebrais, ventriculos e auriculos, veias e artérias, um sistema afectivo e um sistema pensante, tal qual o coração e o cérebro, mil vezes aumentados, de uma criatura humana de corpo vitreo e humores irisados e gelados. Tudo parado e morto como numa preparação de museu anatomico ou num grande diorama de exposição universal!

A fraga insistiu e explicou-me ainda:

—«eu sou o coração de pedra e a alma de granito dos que nunca souberam nem quizeram amar!

Sou a paralisia dantesca das almas sem piedade, dos espíritos sem delicadeza, dos peitos sem compaixão, dos corações sem afecto, dos olhos sem graça, das mãos sem caricia, dos lábios sem sorriso e sem perdão.

Oh! homens impiedosos e crueis!

Oh! mulheres sem amor e sem carinho!

Oh! corações sem afeição, sem pena e sem bondade!

Esperai a vossa hora, que pedras eternas como eu sereis!»

A tarde morrera, entretanto.

Na montanha houve um leve esterto de sismo e ficaram, depois, uma grande sombra e um grande silencio.

No mar, que se via ao longe, apagava-se uma mancha de luz e de fogo, que semelhara, pouco antes, uma jangada de luz e de fogo a flutuar no longe inacessível e que fugia da noite, certamente em demanda do Infinito..

De novo a fraga dormia e lá ficou dormindo no êrmo tediento daquela eternidade!

CAÇA ÁS ROLAS

Já abriu tanto para estas peças como para as codornizes, tendo os devotos de Santo Huberto começado a fazer gôsto ao dedo no dia 15.

E' um *sport* com que não engraçamos. No entanto admitimos ser de reconhecida utilidade para os apreciadores de bons petiscos — para os gulosos . .

A comunhão de dois destinos

A embaixada da gratidão portuguesa teve, no Rio de Janeiro, uma despedida apoteótica. A baía do Guanabara parecia arder sob um dilúvio de estrêlas. O Pão do Açúcar e a barra de Santa Cruz eram riscos de fogo. As bandeiras dos dois paises tremularam, juntas, no alto daquele môrro.

A descrição do embarque, com a presença de muitas centenas de milhares de brasileiros, que não se cansavam de vitoriar Portugal, faz-nos lembrar a partida, há um ano, das águas do Tejo, da missão especial do Brasil às nossas festas centenárias. Também a Praça do Império era um mar de povo. No espaço a mesma apoteose de luz. E os dois pavilhões erguiam, igualmente, a par, as suas côres gloriosas.

Só as mesmas causas logram ter idênticos efeitos. Apenas um imenso afecto recíproco pode explicar esta repetição da História. Para àlem de todas as significativas palavras proferidas por altas individualidades—e foi o Ministro Oswaldo Aranha quem afirmou que *o Atlântico Sul é realmente um lago lusitano*—fica ainda esta luminosa certeza: quando Portugal e o Brasil se despedem, hoje como ontem, sempre como agora, é para se encontrarem mais perto, na comunhão dos seus destinos eternos.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); no dia 26, as sr.as D. Leonor Machado da Cruz e D. Maria Helena Lona Peres Graça, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz e João Herculano Graça, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company da Covilhã; em 27, os srs. Ulisses Pereira, activo comerciante; José Martins Pires, professor oficial em Anadia e D. Celia Barreto de Moura; em 28, a sr.a D. Irene da Conceição Estima Martins, esposa do sr. António Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company de Coimbra, e o sr. José António Pereira de Macedo Vasconcelos, distinto funcionário de Finanças, actualmente em Pessegueiro do Vouga; em 29, a interessante tricaninha Maria da Conceição Mendonça e em 30, a sr.a D. Cesarina Leitão, mãi do nosso amigo dr. Humberto Leitão, hábil clinico local.

Partidas e Chegadas

Está cá a passar a sua licença o nosso conterrâneo Joaquim Coelho da Silva, chefe de conservação de Estradas em Paredes (Douro).

—Com curta demora, também esteve nesta cidade o nosso conterrâneo e amigo, dr. José Cardoso, médico em Setubal, mas actualmente a veranear com a familia na praia de Mira.

—Vimos, igualmente, em Aveiro os srs. dr. Ernesto Pinho Guedes Pinto, médico em Coimbra; Henrique Afonso, da mesma cidade; Agostinho dos Santos Jorge, professor em Vagos, e Américo Mário Florêncio, de Elvas.

—De visita também aqui esteve, com a familia, o sr. Sebastião da Costa Trancoso, agente da Caixa Geral de Depósitos em Figueiró dos Vinhos.

Praias e termas

Está em Espinho, com a familia, a passar alguns dias, o nosso amigo Severiano Ferreira Neves, professor oficial em Esgueira.

— Com sua esposa também se encontra a veranear no Monte-Estoril, o nosso presado e velho amigo dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico com residência na capital.

— Estão em Caldelas a esposa e filha do sr. José Robalo.

—Da Curia veio, depois de ali permanecer durante vinte dias, o sr. Laudelino de Miranda e Melo, jornalista e autor de várias obras, entre as quais A alma do Conselheiro, Poeiras de Travassô, O Grande Brasil, *etc.*.

Doentes

Encontra-se de cama, com a saúde um tanto abalada, o sr. José Maria Lopes, a quem desejamos breve restabelecimento.

O TEMPO

Tem havido esta semana rijas nortadas, que levantam nuvens de poeira.

E o carro das regas?

Foi o primeiro a parar, esgotado de gazolina.

FORA DE PORTAS

Os nossos bombeiros foram chamados na quarta-feira, perto do meio dia, para a Gafanha da Nazaré, onde se havia manifestado fogo numas medas de palha, pertencentes a José Rodrigues Vareta, e de tarde, para Eixo, em virtude de se ter incendiado a casa de José Nunes Marques.

Os prejuisos foram insignificantes.

Secção Desportiva

Natação

No intuito de apresentar ao público aveirense dois dos melhores nadadores portugueses, fazendo, assim, propaganda da natação, o *Beira-Mar* trouxe a Aveiro, na penúltima quinta-feira, Baptista Pereira e Jofre de Carvalho, do *Alhandra Sporting Club.*

O primeiro fez os 400 m. em 5m e 32s; os 200 m. em 2m e 36s e os 100 m., costas, em 1m e 29s.

Por sua vez, Jofre de Carvalho nadou os 300 m. em 4m e 19s. Tempos excelentes. O *record* actual dos 400 m., estabelecido há poucas semanas, pertence a Mira Gomes com 5m e 25s. Mas é preciso acentuar-se que foi batido numa piscina de 25 metros. . .

Mário Simas, que, em circunstâncias excepcionais, bateu, há 3 semanas, no Luso, Baptista Pereira, correu os 400 metros em 5m, 32s e 4/10.

O *record* dos 200 está em 2m, 29s e 6/10.

Nos 100 metros, costas, Baptista Pereira, que é o segundo especialista português, mas que raro disputa a prova. . . por não poder correr tôdas elas, não realisou tempo famoso. Mesmo assim ganhou folgadamente e acabára de disputar os 400 m. onde alcançou tempo de categoria nacional.

Haja em vista que Simas ganhou também no Luso esta prova, depois de correr os 400 livres, em 1m, 23s e 2/10. Simplesmente o grande especialista actuou após descançar largo tempo. . .

Quanto aos nadadores aveirenses, houve uma prova de rara beleza e emotividade — os 100 m. livres, ganhos pelo jóvem Olinto Ravara, diante do consagrado S. Moreira, no tempo excelente de 1m, 12s e 4/5.

O festival decorreu com brilho. Apenas o público não compareceu, sofrendo o Club organizador largo prejuízo. . .

A.

Correspondências

Esgueira, 20

A *Fonte do Meio*, devido à canalisação se encontrar bastante deteriorada, com roturas mesmo, deita pouca água e, esta, cheia de impurezas.

Quem dá o remédio?. . .

—A reparação da estrada que conduz ao esteiro vai de vento em pôpa e as obras no edifício escolar devem ficar concluídas esta semana.

—Faz anos, no próximo sábado, a esposa do nosso amigo Américo Ramalho.

C.

Eixo, 12

A festa da Sr.a da Graça teve, êste ano, um programa muito reduzido. Também se efectuou a do Coração de Jesús que constou de missa solene, sermão e procissão, e primeira comunhão das crianças.

—Faleceu com 80 anos a indigente Liberata Cova, que, pelas suas economia e privações, deixou um pecúlio de 2.800$00.

—Por ter sido acometida de doença grave abandonou a chefia da nossa estação telegrafo-postal a sr.a D. Francisca de Araújo, que seguiu para Lisboa afim de se submeter ao devido tratamento.

Desejamos-lhe que ali consiga breve restabelecimento.

C.

S. Bernardo, 21

A festa que nesta época do ano aqui costuma realisar-se está marcada para o próximo domingo, devendo ser abrilhantada pela música de Fermentelos. Vai ser, pois, um dia de movimento e de animação na nossa terra, visto a gente folgazã aproveitar sempre êstes ensejos para se divertir e passar algumas horas agradáveis.

Muito estimamos que decorra consoante os desejos dos mordomos.

C.

Preza, 21

Encontra-se entre nós, a passar algum tempo, o sr. Sebastião dos Santos Carvalho, industrial de panificação em Setubal e esposa.

—Completou, na terça-feira, as suas 16 risonhas primaveras, a menina Albertina da Silva Campos, irmã muito simpática do sr. João da Silva Campos, enfermeiro do Hospital dessa cidade. Parabéns.

C.

NECROLOGIA

No bairro piscatório finou se na madrugada de segunda-feira, com 66 anos, Rosa de Jesus Santos que no mesmo dia foi a enterrar no cemitério novo com grande acompanhamento.

Era viúva, vitimou-a uma bronco-pneumonia e deixa oito filhos.

FURTO

Três *cavalheiros,* tendo entrado na Ourivesaria Vilaça, adquiriram, depois de muita conversa com o proprietário do estabelecimento, uma volta de ouro. Pagaram e enquanto esperavam pelo trôco surripiaram do taboleiro outra, mas esta de platina. Está claro que isto foi feito com arte. E quando o sr. Vilaça deu pelo roubo — onde iam já os meliantes!

Entendemos que nas ourivesarias deve haver, sempre, duas pessoas ao balcão: uma para fazer o negócio, outra para vigiar os fregueses desconhecidos.

Por causa das dúvidas. . .

Venda de bens em falência

No dia 24 de Agosto corrente, pelas 10 horas, continuará a venda em leilão, de tôda a existência do falido Pompeu da Costa Pereira, desta cidade, constando de muitos artigos de modas, lanifícios, fazendas e miudezas, etc., àlem dos móveis e utensílios pertencentes ao seu estabelecimento comercial e residência.

O leilão efectuar se-á no próprio estabelecimento, sito à Rua José Estêvão e Mendes Leite, desta cidade.

Aveiro, 18 de Agosto de 1941.

O administrador da massa falida

Manuel da Cruz e Sousa

Declaração

Ferreira, Pereira & C.a, declaram que, desde 28 de Julho p. passado, deixaram de ter ao seu serviço o electricista António Matias de Pinho (conhecido por António Galinha), continuando da mesma forma a encarregar-se de todos os serviços da sua especialidade, visto terem, para os mesmos, pessoal tecnicamente habilitado.

Aveiro, 12 de Agosto de 1941.

FERREIRA, PEREIRA & C.a